



LITERATURA, CRIME E O CARÁTER LACUNAR DA(S) HISTÓRIA(S)

Thayza Matos¹

Universidade Estadual de Goiás

Formosa, Goiás, Brasil

thayzaa.matos@gmail.com

Resumo: Essa comunicação pretende refletir sobre o caráter lacunar da(s) história(s) e sobre a ideia do historiador-detetive, ao relacionar as teorias de Paul Veyne, Michel de Certeau e Carlo Ginzburg às narrativas sobre crimes, escritas por Truman Capote: *A sangue frio: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas conseqüências* (1965), Robert Graysmith: *Zodíaco* (1976), e Janet Malcolm: *Anatomia de um julgamento: Ifigênia em Forest Hills* (2011). A partir daí, teceremos reflexões sobre as noções de “romance de não-ficção” e “romance-reportagem”, sobre a concepção de jornalismo literário (ou novo jornalismo), e sobre categorias importantes para se narrar o passado (seja ele recente ou longínquo), como vestígio e prova, talento e estilo, testemunhos e arquivos, ética, justiça e emoção. Desejamos ainda ponderar acerca do evidente interesse e da inegável atração de escritores – e leitores – pela estética da violência, do assassinato, da dor e da morte cruel, especialmente nos Estados Unidos da contemporaneidade, onde os crimes em foco ocorreram, repercutiram, foram investigados e contados em livros. O que o olhar perscrutador e inquieto de Capote, Graysmith e Malcolm pode nos ensinar? O que tais tramas policiais e detetivescas nos legam em termos artísticos e epistemológicos? O que significa escrever com a maestria de um romancista? Como ‘ler’ esse lado obscuro do sonho americano? Por fim, tal pesquisa nos dará ocasião para pensarmos como a morte e a violência, suas dimensões sensíveis, tecnológicas e materiais se transformaram (ou permaneceram) ao longo do tempo. Trata-se de um trabalho

¹ Graduanda do Curso de História pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Formosa. Bolsista pelo Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas – GPTEC.

de história sobre o espetáculo da violação da lei penal e moral, que é tão pop quanto político, tão repulsivo quanto fascinante, tão sedutor quanto absurdo.

Palavras-Chave: Lacuna narrativa. Violência. Romance Não Ficcional.

Analisando *A Sangue Frio: Relato Verdadeiro de um Homicídio Múltiplo e suas Consequências*, obra de autoria de Truman Capote, o assassinato da família Cuttler que na década de 1960 abala não só a tranquila cidade de Holcomb, mas também todo os Estados Unidos da América temos acesso a Perry Smith e Dick Hickcok, os autores de tal atrocidade. A crueldade evidente na cena do crime, no qual Bonnie, Hebert, Nancy e Kenyon foram todos assassinados com um tiro de espingarda na cabeça não nos mostra necessariamente as nuances que cada um desses indivíduos carregava consigo.

O plano inicial contava com um assalto que desde o começo não deixaria testemunhas.

Dick estava ao volante de um Chevrolet preto quatro portas 1949. Quando Perry entrou no carro, olhou para o banco de trás para conferir se o seu violão estava a salvo; na noite anterior, depois de tocar para um grupo de amigos de Dick, tinha esquecido o violão no carro. Era um velho violão Gibson, lixado e encerado, com um acabamento cor de mel. E havia outro instrumento ao lado dele – uma espingarda calibre 12 tipo *pump-action*, novinha, de cano azul, com uma cena esportiva de faisões em pelo voo gravada na madeira do cabo. Uma lanterna, uma faca de pesca, um par de luvas de couro e um colete de caça totalmente abastecido com cartuchos eram os elementos que constituíam aquela curiosa natureza-morta. ‘Você vai usar isso?’, perguntou Perry, indicando o colete. Dick bateu com os nós dos dedos no para-brisa, como se fosse uma porta. ‘Desculpe, amigo. Estávamos caçando e nos perdemos. Será que podíamos usar o seu telefone...?’ ‘Si, señor. Yo comprendo’ ‘É moleza’, disse Dick. ‘Eu garanto, meu querido, vamos espalhar cabelo pelas paredes de cima em baixo.’²

Capote levou seis anos para completar sua obra, ao esperar o desfecho final de toda essa trama. Após a captura da qual resultou no processo judicial e julgamento dos assassinos, o autor desta obra de não ficção ainda esperou o cumprimento da sentença de enforcamento. Neste meio tempo, o renomado jornalista da *The New Yorker* entrou em

² CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio: Relato Verdadeiro de um Homicídio Múltiplo e suas Consequências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 p. 45.

contato com a equipe policial que investigava o crime e também com a pequena comunidade de Holcomb, que conhecia de perto a ativa família Cuttler.

Já na obra, *Zodíaco*, de Robert Graysmith, temos a história de um *serial killer* que atemoriza Los Angeles, uma grande metrópole cosmopolita. O medo é instaurado quando uma série de assassinatos sem fechamento pela polícia local ganha às páginas dos principais jornais ao ter através de uma carta criptografia o seu autor “revelado”. Com o codinome Zodíaco, o assassino assume a autoria de seis homicídios de jovens ocorridos entre 1968 à 1969.

Em *Anatomia de um Julgamento: Ifigênia em Forest Hills* Janet Malcom faz exatamente aquilo que propõe no título de seu romance não ficcional: dissecar o julgamento do autor dos disparos, Mikhail Mallayev e da principal suspeita de orquestrar o crime, Mazoltuv Borukhova. Acompanhando de perto o julgamento e tendo acesso aos advogados e a equipe do tribunal, Malcolm narra a trama destes eventos mostrando uma evidente lacuna deixada entre os fatos e a história contada. Evidenciando um aspecto há muito conhecido os historiadores, sua narrativa aponta como alcançar a “verdade absoluta” sobre qualquer acontecimento é inviável.

Ao observar essas obras podemos localizar dois pontos em comum evidentes: As lacunas exercidas pelos autores e a violência como foco central. Carlo Ginzburg³ nos aponta em seu trabalho como o paradigma indiciário não é uma ferramenta utilizada somente pelos historiadores, sendo partilhada também por médicos e críticos de arte. Aqui levamos em consideração como essa prática também é utilizada pelo jornalista em seu ofício. Através de pistas e indícios todos esses profissionais transitam nas mais diferentes áreas do conhecimento a fim de produzir uma conclusão plausível.

O tapete é o paradigma que chamamos a cada vez, conforme os contextos, de venatório, divinatório, indiciário ou semiótico. Trata-se, como é claro, de adjetivos não-sinônimos, que no entanto remetem a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si por empréstimo de métodos ou termos-chave.⁴

³ GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴ GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p: 170.

Ao delinear seu *modus operandi*, historiadores e jornalistas se aproximam epistemologicamente⁵. Para que seus discursos obtenham legitimidade, em ambos os casos é preciso pensar e mostrar a verificação das fontes, a despeito da responsabilidade que se tem nestas áreas do conhecimento em se levar ao leitor uma informação através de uma narrativa que de outra forma este não teria o mesmo acesso. Com a falta de um método definitivo para a extração da trama mais “legítima” possível temos que compreender que “a natureza da verdade nos ilude; não temos uma definição satisfatória à nossa disposição, nem uma técnica de reconhecimento da verdade aceita ou confiável”⁶.

Para melhor exercer sua pesquisa, o historiador faz o “recorte” do período histórico em questão a fim de apurar o acontecimento fonte primária de seu trabalho. Paul Veyne nos aponta como,

Assim, os historiadores, em cada época, têm a liberdade de recortar a história a seu modo, pois a história não possui articulação natural. Este é o momento de fazer a distinção entre o ‘campo’ dos eventos históricos e a história como um gênero, com as diferentes maneiras com que foi concebida através dos séculos; pois, nos seus sucessivos avatares, o gênero histórico conheceu uma extensão variável e, em certas épocas, partilhou o seu domínio com outros gêneros [...]⁷

Para que exista algum tipo de coerência recorremos ao que Michel De Certeau denomina como “ilusão realista”⁸, ao operar uma ordem cronológica na estrutura narrativa, trabalho final da pesquisa histórica. Assim temos evidentes divisões entre os “conteúdos” na disciplina, tais como “história antiga”, “história medieval” e “história moderna”, de modo a termos uma evidente diferenciação entre o “tempo discursivo” e o “tempo real”, sendo a “linha do tempo” reconhecida como uma dentre tantas possibilidades de recorte, tanto na pesquisa quanto na escrita⁹.

Desta forma, ao exercemos nosso ofício enquanto historiadores, nos deparamos com as mais diversas espécies de fissuras e lacunas entre os fatos apontados pelos documentos durante a pesquisa. Durante a escrita – resultado da pesquisa realizada – podemos nos ater mais a algumas fontes a que outras, relatando mais sobre um aspecto em detrimento

⁵ Aqui estamos tratando como área de similaridade o exercício de produção de uma obra não ficcional com a produção do conhecimento histórico em si.

⁶ FERNÁNDEZ – ARMESTO, Felipe. “Verdade” – Rio de Janeiro: Record, 2000. p: 27.

⁷ VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1995. p: 19.

⁸ CERTEAU. Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p: 102.

⁹ Idem, p: 96.

de outro, pois a ideia de uma “história total” ou “inteiramente verdadeira” é em muito questionada pelos teóricos da história.

Para ater-se a alguns exemplos, a representação escrituraria é ‘plena’; preenche ou oblitera as lacunas que constituem, ao contrario, o próprio principio da pesquisa sempre aguçada pela falta. [...] Por estes poucos traços – a inversão da ordem, o encerramento do texto, a substituição de um trabalho de lacuna por uma presença de sentido – pode-se medir a ‘servidão’ que o discurso impõe a pesquisa¹⁰

A outra característica presente nestes livros é o fascínio sobre a violência - em forma de homicídios nestes casos. Pensando em uma sociedade que nasceu sobre o signo da civilidade, a obra de Norbert Elias pode nos fornecer alguns esclarecimentos sobre o funcionamento e a construção do que hoje pensamos como o *American Way of Life*.

Ao termos o processo civilizador como um recurso para a modelação do comportamento humano para que se permita a convivência na sociedade moderna, vemos como esse caminho é percorrido deixando feridas na experiência humana. A violência saindo do âmbito público como matriz socialmente autorizada enquanto sinônimo de virilidade e força, vemos esse aspecto humano sendo circundado pelo poder do Estado, que o toma seu uso como meio legítimo.

[...] até finais do século XIX, em um longo período de formalização das boas maneiras e o disciplinamento das pessoas, as emoções “perigosas” tais como aquelas relacionadas com a violência física (incluindo a violência sexual) passaram a ser evitadas, reprimidas e negadas de maneira automaticamente crescente, ou seja, gradativamente reguladas pelos próprios medos mais íntimos de uma consciência muito mais rígida e autoritária. O tipo de personalidade dominada pela consciência se estava constituindo para se tornar dominante. No século XX, houve uma informalização das boas maneiras e uma “emancipação das emoções: as emoções que tiveram sido negadas e reprimidas (re)adquirem acesso à consciência conseguindo maior aceitação nos códigos sociais”¹¹.

O *American Way of Life* é constituído em uma base moral que tem como principio a unidade familiar e o sucesso profissional. Para isso é preciso compreender como,

¹⁰ Idem, ibdem.

¹¹ WATERS, Cas. La civilización de las emociones: Formalización e informalización. In: Kaplan, Carina Viviana (coord.). *La civilización en cuestión. Escritos inspirados en la obra de Norbert Elias*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2008. p: 81.

[...] a história da violência e sobre a história das interpretações que a integram ao coração dos dinamismos sociais, a fim de se submeter a novas interrogações em face de um presente inapreensível e cruel, pode parecer ambicioso e utópico. Entretanto, é justo tentar a aventura da reflexão para não se deixar desbordar por aquela do sentimento de fatalidade ou de impotência¹².

A imagem cristalizada que esse ideal de vida vende e propaga pelo mundo não é muitas vezes percebida facilmente. Muito menos o caráter obscuro que esta carrega em seu cerne. A violência não possuiu espaço próprio dentro desta dinâmica, sendo relegada a um segundo plano, negligenciada talvez pela falta de tato ao se lidar com algo tão pouco bem-vindo em um ideal que prega o “potencial” humano que pode chegar ao estrelato.

Robert Muchembled em *A História da Violência – Do Fim da Idade Média aos nossos dias*¹³ nos trás uma análise do comportamento agressivo, tanto na Europa Ocidental quanto na sociedade contemporânea. A palavra *violência* segundo o autor seria uma derivação da palavra “*vis*” do latim, que significa força, vigor. O uso desse termo teria surgido primeiramente em meados do século XIII, sendo associado aos homens, pois seu significado era associado à virilidade masculina, sobretudo da juventude – tida como uma faixa etária turbulenta e insubmissa – designando as expressões mais funestas deste vigor.

Nos séculos XVI e XVII, a juventude, termo que na época designava a adolescência, possui uma consideração ambígua. É um tempo portador de promessas e uma idade “obscura e devassa”, a pior e a mais perigosa de todas, segundo certos autores. Os moralistas ingleses não se cansam de estigmatizar os pecados dos jovens, especialmente seus costumes liberais¹⁴.

O processo de controle da violência instituído no estatuto de civilidade e cortesia contém continuidades e rupturas como todo movimento histórico. Muchembled nos aponta como pode se perceber uma maior mudança na busca da satisfação da agressividade na classe média, sobretudo na contemporaneidade.

As continuidades que cabe observar desde há séculos em matéria de violência e homicídio se referem à proclamação da hegemonia masculina. Na Suécia, por exemplo, os combates e assassinatos conservam características idênticas desde o século XVI até o século XX. Frequentemente são consequência de um ataque de raiva, após uma briga ou uma provocação relativa à questão de honra ou de dívidas, agravada pelo álcool. Os protagonistas pertencem sobretudo às camadas inferiores da

¹² FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.25

¹³ MUCHEMBLEMED, Robert. *A História da Violência – Do Fim da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

¹⁴ Idem, p: 348.

população. Porém, seu número diminui muito durante esse período. As classes médias são as primeiras em pacificar-se, provavelmente, porque seus membros encontram outros métodos para afirmar sua virilidade¹⁵.

Pensando como essa sociedade cortês em que a acomodação na vida privada e a vigilância constante da agressividade pode ser opressora Norbert Elias coloca que

[...] parece que foi Kant quem primeiro expressou uma experiência e antítese específicas de sua sociedade em conceitos correlacionados. Em 1784, ele escreveu *Ideias sobre uma História Universal*, do ponto de vista de um Cidadão do Mundo: “Cultivados a um alto grau pela arte e pela ciência, somos civilizados a tal ponto que estamos sobrecarregados por todos os tipos de decoro e decência social”.¹⁶

“O dogma da soberania do povo” que os Estados Unidos da América ostentam desde o primórdio de sua democracia é uma bandeira que para Tocqueville faz parte de toda a organização social do país. Os aspectos religiosos, educacionais, políticos e econômicos se entrelaçam criando o conceito de civilidade abraçado e levado como uma “tocha para iluminação” de outros lugares após a Segunda Guerra Mundial.

Pensando como esse processo civilizador se instituiu neste país, temos uma característica evidente de uma “norma de conduta” – denominado *American Way of Life*, ou *Modo de vida americano* – que foi propagada com mais veemência pelo mundo a partir da segunda metade do século XX.

Podemos localizar um possível início deste Modo de vida norte americano após a Primeira Guerra Mundial, no período conhecido como “entre guerras” durante a década de 1920. A euforia esfuziante e a melancolia inexorável depois dos trágicos quatro anos de batalha, mortes e violência no *front* levam a uma decadência moral e a uma libertação das amarras sociais nunca vistas antes. Obras literárias como *O Grande Gatsby*¹⁷, de Francis Scott Fitzgerald, *O Sol Também se Levanta*¹⁸ de Ernest Hemingway, *Nada de Novo no Front*¹⁹ de Erich Maria Remarque e *O Lobo da Estepe*²⁰ de Hermann Hesse nos dão exemplos do

¹⁵ Idem, p:353.

¹⁶ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador – Volume 1: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p: 27.

¹⁷ FITZGERALD, F. Scott. *O Grande Gatsby*. São Paulo: Record, 2013.

¹⁸ HEMINGWAY, Ernest. *O Sol Também se Levanta*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ed., 2001.

¹⁹ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front*. Porto Alegre: L&M Ed., 2004.

²⁰ HESSE, Herman. *O Lobo da Estepe*. São Paulo: Record, 2000.

espírito que regia o mundo após a Grande Guerra. O envolvimento tardio na Primeira Guerra Mundial e tendo a vantagem de guerrear longe de seu território, minimizando assim os danos sofridos, os Estados Unidos da América se encontram em uma posição econômica muito privilegiada após 1919. Responsável pelos empréstimos realizados para as nações que foram destruídas durante a guerra – tanto as que haviam “vencido”, quanto “perdido”²¹ – que precisavam reorganizar suas estruturas depois dos diversos ataques durante estes quatro anos de guerra, os Estados Unidos encontrou na década de 1920 um “boom” econômico e social, iniciando um maior contato com o comércio externo, vendendo para os países europeus e latino-americanos. Têm-se início então uma onda de grande consumo, até 1929. O mundo devastado pela guerra não foi capaz de continuar o alto nível de compras, gerando um grande crash no mercado, conhecido como “a quebra da Bolsa de Nova York”. Impossibilitados de pagar o que já deviam e de continuar a comprar em razão dos esforços envolvidos na reconstrução dos países os Estados Unidos da América enfrenta sua primeira grande crise econômica, e os demais estados que tanto dependiam daquele mais no momento entram nesta crise causando um colapso econômico mundial.

Essa ruína econômica que o mundo enfrentou em 1929 foi um dos fatores que influenciou a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Com uma participação mais ativa – porém tão adiada quanto na Primeira Guerra Mundial – os Estados Unidos da América se reergueu economicamente e esse “American Way of Life” retorna em grande estilo, encontrando neste período a consolidação de sua época dourada. A prosperidade que este país atinge com a guerra e sua posição enquanto vencedor da mesma lhe possibilita um estilo de vida próprio, quase que uma repetição do que acontece no início do “entre guerras”.

As grandes companhias e empresas crescem assustadoramente²², e o capitalismo clássico expande por todo continente americano, assim como para o restante do mundo, que passa a encarar a segunda fase dos movimentos de colonização.

Apesar de toda a adversidade econômica, o modo de vida americano já estava formado. O American Way of Life era baseado principalmente na constituição familiar e no sucesso encontrado tanto nos negócios através do trabalho e da fama. Essas características já estavam presentes nos Estados Unidos da América desde a época em que Tocqueville

²¹ Podemos interpretar o duplo sentido deste “perder” ou “ganhar” a guerra por meio da obra de Modris Eksteins, *A Sagração da Primavera* (1991) no qual o autor expõe como apesar de ter perdido militarmente, a Alemanha ganhou a guerra com a sua vanguarda ideológica.

²² SANTOS, Américo Ramos dos. “Política econômica e política de emprego: o modelo dos anos 50-60”. *Análise Social*, vol. XV (59), 1979-3.º, 611-653.

escreveu sua obra. O grande diferencial foi como isso se uniformizou e se propagou durante o século XX.

FIGURA 1 – There's no Way like the American Way²³



Esta imagem nos transmite alguns dos valores e vantagens do modo de vida americano: “Menor jornada de trabalho do mundo”, “Melhor nível de qualidade de vida do mundo” e “Maiores salários do mundo”²⁴.
Fonte: <http://econspeak.blogspot.com.br/2008/06/life-melancholy-and-american-way.html>

O imaginário que envolve o *American Way of Life* desenvolve-se em torno de uma vida ideal, com uma família, sucesso e fama. A busca feita por aqueles que ainda não alcançaram tal status é conhecido como *American Dream*, ou *Sonho Americano*. Essa miragem é movida pela busca da felicidade que em “sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica”²⁵, mas a raridade destes

²³ “Não há estilo como o americano” (Neste caso “way” é passível de uma dualidade que pode ser interpretada tanto como “estilo”, “jeito” quanto “caminho”) – Tradução nossa.

²⁴ Tradução nossa.

²⁵ FREUD, Sigmund. “O Mal – Estar na Civilização”. Rio de Janeiro. Imago Ed. 1997. p. 24.

momentos nos leva a redesenhar o conceito de felicidade, fazendo com que esse se adapte a realidade que se apresenta.

Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade – tal como, na verdade, o próprio princípio de prazer, sob a influencia do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio de realidade – que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou a infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano.²⁶

Como Freud bem coloca esse sofrimento que se apresenta como contingência do mundo externo, refreia a busca humana pela felicidade. Então regulamos a “frequência” de nossos sentidos, calibramos estes para que a realidade seja suportável, e a felicidade ou até mesmo o contentamento seja viável. É exatamente essa felicidade, comedida que o *American Way of Life* “vende” enquanto ideal. Ao colocar que ao conquistar o sucesso profissional e a família perfeita a felicidade se encontrará dentro deste pacote. Assim esse ideal é construído através de imagens clássicas como a casinha colorida, a cerca branca e o estrelato. Ser feliz é ser socialmente bem sucedido – seja no mundo dos negócios ou através da fama.

A associação entre o *American Way of Life* e o *American Dream* dentro desta lógica é direta, sendo quase inevitável. O Sonho Americano consiste em almejar esse modelo ideal de vida, no qual o sucesso econômico está ligado ao conceito de “felicidade”. Logo, a alegria se encontra no consumo, na aquisição de bens, que hoje é extremamente aguçado pelos jogos de marketing que transmitem ao indivíduo a mensagem que sem determinado produto este não estará partilhando deste prazer e bem-estar, encontrando-se como *outsider*.

Vemos como a moral formada pela democracia “perfeita” vista por Tocqueville se transformou com o passar dos séculos. Muchembled e Elias nos apresentam como a violência dentro desta sociedade cortês foi diminuindo, apesar das continuidades e rupturas. Advindo deste modelo de sociedade, o *American Way of Life* também repreende a manifestação da agressividade.

Para Freud, o ser humano possui dois instintos primevos, *Eros* e o *instinto de Morte* ou *Destruição*. Essas duas forças muitas vezes são indissociáveis, coexistindo e promovendo o desenvolvimento e destruição do indivíduo e da sociedade. *Eros* é o instinto responsável pela união primeira, que forma o núcleo familiar e a associação destes com os demais indivíduos do círculo social e consequentemente a sociedade. O *instinto de Morte* é

²⁶ Idem, p: 25.

uma força destrutiva, que pode suprimir o indivíduo e, por conseguinte a sociedade, já que essa se desenvolve de maneira muito similar ao do homem segundo Freud. A batalha eterna entre o *instinto de Eros* e o *instinto de Morte* é a força motriz de todo desenvolvimento humano nesta perspectiva.

Esses dois instintos básicos estão ligados aos desejos que sentimos, a outros instintos, que são desenvolvidos e exigidos pelo id. Mas a relação entre o id, o ego e o superego mantém certo controle sobre o que fazemos, afinal, vivemos em sociedade em não podemos realizar todos os nossos anseios e impulsos:

É impossível desprezar até que ponto a civilização é construída sobre a renúncia aos instintos, o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação (pela opressão, repressão ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos.²⁷

Esse instinto de Morte geram pulsões de agressividade, as quais a sociedade se vale de métodos – tal como a instauração de uma ordem - para não se deparar com o seu fim. Apesar disto, ainda é complexo o abandono a tais pulsões. Daí o surgimento do que na opinião de Freud é o incomodo que vivenciamos em nossa realidade, os sentimentos de culpa e remorso. Os instintos de agressividade não possuem lugar na sociedade moderna. Não sabendo como lidar com tais sentimentos o homem se vê frustrado, sentindo culpa até mesmo por sentir tais pulsões ou com remorso, por ter cedido a aquela urgência.

A abdicação dos impulsos e desejos, a opressão deste modelo de sociedade ideal empreendido pelo *American Dream* não deixam espaços para a violência na sociedade contemporânea. A fama e o sucesso ocupam um lugar de destaque dentro desta representação. Com a imposição de tais metas, a fama fácil é sempre uma boa saída. O grande problema é a quantidade de “famosos” que existem neste universo particular do “sucesso” e quantos ainda buscam entrar, já que sem o cumprimento dessas metas o sujeito é marginalizado, se tornando um “ninguém”, e neste caso é muito melhor ser lembrado e conhecido – mesmo que seja por algo condenado por essa mesma sociedade, tal como é o crime – do que viver no anonimato.

²⁷ Idem, p: 52.

Referencias:

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador – Volume 1: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FERNÁNDEZ – ARMESTO, Felipe. “Verdade” – Rio de Janeiro: Record, 2000.

FITZGERALD, F. Scott. *O Grande Gatsby*. São Paulo: Record, 2013.

FREUD, Sigmund. “O Mal – Estar na Civilização”. Rio de Janeiro. Imago Ed. 1997.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HEMINGWAY, Ernest. *O Sol Também se Levanta*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ed., 2001.

HESSE, Herman. *O Lobo da Estepe*. São Paulo: Record, 2000.

MUCHEMBLED, Robert. *A História da Violência – Do Fim da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front*. Porto Alegre: L&M Ed., 2004.

SANTOS, Américo Ramos dos. “Política econômica e política de emprego: o modelo dos anos 50-60”. *Análise Social*, vol. XV (59), 1979-3.º, 611-653.

VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1995.

WATERS, Cas. La civilización de las emociones: Formalización e informalización. In: Kaplan, Carina Viviana (coord.). *La civilización en cuestión. Escritos inspirados en la obra de Norbert Elias*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2008.